

## O USO DA LINGUAGEM NEUTRA COMO VISIBILIDADE E INCLUSÃO PARA PESSOAS TRANS NÃO-BINÁRIAS NA LÍNGUA PORTUGUESA: A VOZ “DEL@S” OU “DELXS”? NÃO! A VOZ “DELUS”!<sup>1</sup>

Héilton Diego Lau  
Universidade Federal do Paraná

### RESUMO

A língua portuguesa, primeira língua oficial do país, transmite uma forma binária de se referir a tudo, em especial neste trabalho, às pessoas. Com o avanço das discussões da teoria *queer* no Brasil e o início de visibilidade de pessoas que não se identificam com o binário de gênero (homem x mulher), ou seja, pessoas trans não-binárias, em destaque na internet com vídeos e postagens sobre como se identificam e o(s) pronome(s) pelos quais querem ser chamados, levantam questionamentos sobre o uso da linguagem afim de trazer visibilidade e espaço na sociedade sem deslegitimar sua identidade de gênero através da linguagem neutra. Através desse posicionamento e com discussões dos documentos que regem a educação nacional, os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* e de *Orientação Sexual*, faço uma discussão teórica sobre a questão da importância para esse novo olhar para a língua portuguesa em respeito à visibilidade das pessoas trans não-binárias.

**Palavras-chave:** língua portuguesa; linguagem neutra; não-binário; teoria *queer*; visibilidade.

### INTRODUÇÃO

Através do avanço dos estudos da teoria *queer* no Brasil, as identidades sexuais e de gênero começam a se fragmentar ainda mais. Gênero não é regra para estar junto de sexualidade, assim como expressão de gênero, corporeidade e atração romântica. A linguagem, mais especificamente neste caso a brasileira, está passando por processos de (des/re)construção, a passos tímidos, especialmente nas redes sociais.

O foco neste trabalho é mostrar uma alternativa em que é possível aplicar uma linguagem “neutra” sem marcar a forma feminina ou masculina, trazendo algo que vá além desses gêneros binários.

Para ilustrar, problematizo questões dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual (1998a), juntamente com os de Língua Portuguesa (1998b)

<sup>1</sup> Dedico este trabalho a Cup e Hugo Nasck.

Realização:

Apoio:



afim de questionar a cis-heteronormatividade, tanto no corpo quanto na linguagem utilizada.

## COMO É A LINGUAGEM NEUTRA?

A finalidade primordial da linguagem neutra é mostrar a desconstrução de gênero, o rompimento do binarismo nas formas escrita e falada. Uma das línguas oficiais do Brasil – a língua portuguesa (LP) – não possui um “gênero neutro”, pois nela nota-se essa “caixinha binária”, pois sempre fala-se **o** copo, **a** televisão, ou seja, marca o gênero masculino e o feminino em tudo. Não faz exceção quando refere-se às pessoas. A LP diferencia *tudo* em masculino e feminino. Com esse avanço da linguagem neutra um novo pronome de tratamento foi criado na língua inglesa, em que suas palavras, em grande parte são consideradas neutras, pois é a partir dos pronomes que se é atribuído um gênero. O pronome em questão, registrado no dicionário *Oxford*, é “Mx.” (pronuncia-se “mux” ou “mix”) que é o neutro de “Mr.” (senhor) e “Mrs.” (senhora). Ainda não há uma tradução oficial para a LP.

A forma pronominal mais recorrente que pessoas não-binárias utilizam para se referirem em LP é o “elu”, por um ato político para mostrar que o pronome considerado “neutro” (leia-se “eles”) em nossa sociedade exclui as pessoas não-binárias, já que elus não se veem como homens nem como mulheres, portanto, não faz sentido para estes a utilização do “neutro ‘eles’”, assim como o feminismo trata esta questão.

Numa linguagem difusamente masculinista, uma linguagem falocêntrica, as mulheres constituem o *irrepresentável*. Em outras palavras, as mulheres representam o sexo que não pode ser pensado, uma ausência e opacidade linguísticas. Numa linguagem que repousa na significação unívoca, o sexo feminino constitui aquilo que não se pode restringir nem designar (BUTLER, 2008, p. 28-29, ênfase da autora).

Para “neutralizar” adjetivos e substantivos, como “aluno”, “bonita”, “entre outras”, utilizarei a vogal “e”. Então estas palavras serão escritas e faladas da seguinte forma: “alune”, “bonite” e “entre outres”. E no caso de “professores”, por

Realização:



Apoio:



exemplo? Palavras no plural consideradas masculinas terão a letra “i” no meio. Então será escrito e falado “professories”. Uma possível variação pode ser a exclusão do “e” ficando “professoris”. Preposições, como “de” e “da” serão substituídas por “du”, por exemplo: “Este lápis é du Iraci”. A respeito dos artigos definidos (“o”, “a”, “os”, “as”), serão substituídos por “le” e “les”. Por exemplo: “Les professories já estão na sala de reunião”. Os indefinidos (“um”, “uma”, “uns”, “umas”), utilizarão a letra “e” no final, ficando da seguinte forma: “ume”, “umes”. Pronomes possessivos (meu, minha, seu, sua, meus, minhas, seus, suas) fazem um “empréstimo” do espanhol, ficando: mi, su, mis, sus.

Moita Lopes (2013) utiliza o sinal arroba (@) como um gesto político para marcar uma possível “neutralidade de gênero”, não focando somente no masculino, nem no feminino, mas sim, mostrando algo que seja válido para esses dois gêneros. O autor afirma que as variações ideológicas influenciam as mudanças linguísticas, além da prática do movimento feminista. Este sinal (@) pode ser totalmente utilizado e ter sua validade, porém, é inviável para a pronúncia. Concordo que a utilização deste na Língua Brasileira de Sinais – Libras –, esta considerada também língua oficial do Brasil pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, “em que possui gramática e estrutura própria e seu sistema linguístico de natureza visual-motora” (BRASIL, 2002), seja mais cabível do que na LP. Assim, a Libras é *língua* e não *linguagem*, e possui estrutura e gramática próprias, portanto, para que se sinalize uma frase é necessário que se tenha conhecimento sobre a estrutura desta língua, pois não é “português sinalizado”, ou seja, não se utiliza a estrutura gramatical da LP (cf. Lau, 2015). Segundo Lau & Rech (2015, p. 337, ênfase das autorias e acréscimo meu), “historicamente, é possível perceber como as LS [línguas de sinais] foram marginalizadas, tachadas como *linguagem*, mímica; também ouvia-se falar em surd@-mud@, sabendo que nem tod@ surd@ é mud@!”.

Por exemplo, a frase em português “Eu gosto de maçã”, em Libras é sinalizada da seguinte forma: “(EU) MAÇÃ GOSTAR”. Essa forma de escrita é conhecida como glosas (sistema de anotação), que utiliza palavras da LP em maiúsculas, para se “aproximar” da Libras, segundo Streiechen (2013).

Realização:



Apoio:



Outro exemplo de sinalização pode ser: “(EU) SURD@”. A tradução da Libras para a LP na forma escrita é representada dessa forma. E agora, como devo ler? “Eu, surdo”? “Eu, surda”? Cadê o gênero binário? Se for escrito em Sign Writing (SW), escrita dos surdes, fica dessa forma:



**Figura 1** – Transcrição da palavra SURD@ para o SW  
 Fonte: Lau (2016)

Independente da forma escrita, seja em LP ou SW, não se consegue chegar a uma conclusão de em qual gênero binário esta palavra se encaixa. Para ela se tornar SURDO precisa da marcação de gênero masculino, assim também para SURDA. “Na Libras, a indicação de gênero é marcada sempre pelo sinal de ‘HOMEM’ ou ‘MULHER’ antecedido do sujeito” (STREIECHEN, 2013, p. 73).



**Figura 2** – Transcrição da palavra HOMEM para o SW  
 Fonte: Lau (2016)



**Figura 3** – Transcrição da palavra MULHER para o SW  
 Fonte: Lau (2016)

Com essas marcações exibidas nas figuras 2 e 3, associadas antes da figura 1, é possível saber qual gênero está em evidência, porém, se estiver em SW, como na figura 1 somente, por exemplo, não há como saber. Por isso, pode-se dizer que a Libras é uma língua neutra se comparada a LP, e é válida a utilização de arroba para marcar a neutralidade de gênero, pois, assim como as demais línguas de sinais, “[...] são denominadas línguas de modalidade viso espacial, uma vez que as informações linguísticas são recebidas pelos olhos e produzidas no espaço pelas

Realização:



Apoio:



mãos, movimento do corpo e por meio das expressões faciais” (STREIECHEN, 2013, p. 27). Ou seja, não utilizam a oralidade para produzir a mensagem. Porém, le tradutore deverá tomar cuidado ao marcar determinado gênero se le surde não fizer a marcação e “neutralizar” na forma masculina quando traduzir para a LP na forma oral e/ou escrita.

Dessa forma, apoio-me na utilização da “linguagem neutra” para representatividade na fala em que é possível fazer a leitura oral do trabalho sem preocupar-se com a questão de qual gênero se está falando agora, como no caso de eu escrever “tod@s”, por exemplo, sem falar que estou, ainda, fazendo uma marcação binária, pois ou eu vou ler no masculino (“todos”) ou no feminino (“todas”). As únicas menções que aparecerão no decorrer do trabalho marcando, ora o gênero masculino, ora o feminino, ocorrerão ao mencionar autoras e autores e/ou quando estas e estes fizerem a determinada marcação. Segundo Saltzburg & Davis (2010), ao adotar essa forma de linguagem, evitarei uma linguagem sexista. O convite é para o surgimento de novas formas de linguagem, formas de interpretar o mundo. Nesse caso, realmente mostrarei a explosão do binarismo, especialmente na forma falada/lida.

Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo já se trata de fenômeno estilístico. *Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico* (BAKHTIN, 2003, p. 269, ênfase minha).

Ao comentar que falo em utilizar uma linguagem “neutra”, isto não tem relação com que ela representa, ou seja, ser *realmente* “neutra”, mas implica significações, ideologia. “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN & VOLOCHINOV, 2004, p. 31, ênfase dos autores). Tratar a utilização do pronome “neutro” como posição ideológica, traz a noção de que pessoas que fogem do espectro binário de gênero possam ser visibilizadas especialmente na forma oral da LP. O pronome “elu”, por exemplo, registrado neste

Realização:



Apoio:



trabalho, não é “neutro”, pois marca especificamente pessoas que não se auto identificam como homens ou como mulheres num sentido binário, e sim, fogem dessa cis-normatividade, tentando *marcar* na LP uma marca de visibilidade. “Para que as palavras façam sentido é necessário que elas estejam inscritas na história, já que cada tempo tem a sua maneira de nomear o mundo” (SOARES, 2012, p. 11).

No inglês, pessoas não-binárias também utilizam o pronome “they” como forma singular, como um pronome neutro, já que, somente se traduzir para a LP há apenas duas possibilidades oficializadas: “ela”/“ele”. Isto é uma forma de representação (cf. Silva, 2000).

Em fevereiro de 2014, o *Facebook* ampliou a forma de “flexibilizar” gêneros na rede social. A pessoa que não se identifica como homem ou mulher, pode, em seu perfil, descrever seu gênero como bigênero, *genderqueer*, pangênero, entre outros.<sup>2</sup> E, ainda, sobre a questão do pronome poderá escolher três opções: “ela”; “ele” e “eles”. Este último pronome, presume-se, foi traduzido “ao pé da letra” e, na LP, há apenas duas opções (ela/ele). Nota-se o pré-construído (cf. Pêcheux, 1995) de que o gênero que neutraliza é o masculino. Por mais que a atualização tenha mudado, fica-se inviável a pronúncia. Atualmente, este último, no Brasil, ficou assim em sua última atualização: “ele(a)”, enquanto na rede social em inglês é “they”. A forma pronominal “neutra” pelo *Facebook* ainda é binária sendo que se pode fazer uma “troca” da desinência de gênero somente pelo feminino ou masculino, sendo que, também, a pronúncia marcará apenas um gênero binário.

Nota-se que os países que falam a língua inglesa como idioma nativo terão um pronome de tratamento neutro. Neste ritmo, os países que possuem a LP como primeira língua deverão adotar pronomes neutros também, pois, com as mídias internacionais discutindo esse tema, será necessária a adoção de pronomes neutros para o texto circular no Brasil em uma das línguas oficiais, visto que a tradução/adaptação deste texto, ainda em pronomes binários, perderá totalmente o sentido e a validade.

Algumas se sentirão um pouco confuses ao ver essa “nova forma de *neutralizar* o gênero” (SALTZBURG & DAVIS, 2010, p. 87, ênfase e tradução

<sup>2</sup> Em Lau (2016) há um glossário de (expressões de) gêneros não-binários com colaboração de pessoas não-binárias para mais informações.

minha). De acordo com Burgess (1999), citada por Saltzburg & Davis (2010, p. 88, tradução minha): “Para aqueles que questionam ou desafiam a dicotomia do gênero culturalmente fixo através da expressão de gênero não-convencional, a reação da sociedade pode ser de estigma e rejeição”. Acreditar que utilizar o sinal gráfico arroba e/ou a letra “x” como forma de “neutralizar” a linguagem, só funcionará para pessoas que não são cegas, pois os decodificadores que estas pessoas usam não conseguirão fazer a leitura com a utilização do sinal arroba e/ou da letra “x”, por exemplo, diferentemente da forma que estou empregando.

Cup, youtuber, pessoa que se identifica como agênero, assexual, panromântico e se identifica com os pronomes masculino e neutro, comenta sobre:

Algum tempo surgiu o uso do arroba na internet para indicar alguma neutralidade. No lugar da desinência nominal de gênero usaria o arroba, porém, esse método tem caído em desuso de certa forma. Primeiro que é impronunciável, uma forma estritamente escrita. Depois que ele tem o mesmo uso dos parênteses. Sabe quando você fala, tipo, lindo “parênteses a”? O arroba tá lá pra dizer: “troque isso pela desinência que te honre”, porém ele só traz formas masculinas e femininas. Outra forma é o uso do “x”, porém, ele também não soluciona, pois mesmo que ele diga “troque isso pela desinência que te honre”, ele não traz uma desinência que te honre. Assim, é necessária outra abordagem. É necessária *trazer uma desinência que te honre* (ênfase minha).<sup>3</sup>

Pesquisando na internet sobre pessoas não-binárias, encontram-se comentários destas a respeito da linguagem neutra, que é uma ferramenta utilizada para superar a questão de forma resolutiva, embora não seja uma imposição moral, pois esta se faz nas demandas realizadas enquanto um grupo social, e existe hoje uma demanda de respeito às pessoas trans, que devem ser consideradas sujeito de sua própria liberdade, autonomia e identidade.<sup>4</sup> Ou seja, as pessoas são livres para utilizarem (ou não) esta linguagem, tanto na forma oral como escrita, pois a sociedade ainda se fixa em traços estereotipados de gêneros binários. Por exemplo:

<sup>3</sup> Transcrição de uma parte do vídeo **Linguagem neutra ou não-binária**. Disponível em: <<https://youtu.be/Szi5B18muAU>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

<sup>4</sup> Informações retiradas do blog **Batatinhas: perspectivas trans fora da binária**, do post: “Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero. Disponível em: <<https://naobinario.wordpress.com/>>. Acesso em: 31 abr. 2015.

Realização:



Apoio:



uma pessoa que tem seios, geralmente será vista/lida pela sociedade como *mulher*, porque ninguém parou para pensar que uma pessoa que tem seios é *apenas* uma pessoa que tem seios, como a sociedade dispõe de mulheres que não possuem uma vagina, e sim um pênis. Esta pessoa não deixará de ser mulher pelo “padrão” da sociedade ao julgar uma pessoa pela genitália, porque ela se *sente* mulher, ou seja, não há obrigatoriedade dessa forma ficar apenas em número de dois (cf. Beauvoir, 1980; Butler, 2003, 2008; Foucault, 1988; Louro, 1997, entre outros). Uma forma positiva de atribuir um gênero a uma determinada pessoa é perguntar a ela por qual pronome de tratamento deseja ser chamada. Isso ocorre muito com pessoas trans. Geralmente, travestis e mulheres trans gostarão de ser tratadas no feminino, enquanto homens trans no masculino, e pessoas não-binárias de forma neutra, ou no masculino ou no feminino, ou em todas essas formas. Por exemplo: determinada pessoa ao nascer foi designada como sendo do sexo masculino por condição da genitália. Com o tempo, esta descobre não fazer parte do círculo de pessoas cis, que são as que aceitam seu gênero designado no nascimento e, condicionalmente, sua genitália. Portanto, ela se enquadra no círculo de pessoas trans, mais especificamente aos não-binários, pois não se identifica nem como homem, nem como mulher. Ela se identifica como *demigirl* (ou *demi-menina*),<sup>5</sup> que é *parcialmente* feminina. Portanto, cabem duas opções, ao meu ver, para utilização de pronomes: ou o neutro (elu) ou o feminino (ela), isso dependendo de como esta pessoa quer ser tratada. É recomendado perguntar isso à pessoa antes de impor algum pronome a ela em consequência dos estereótipos que circulam na sociedade. “Desta forma, desconstruindo o binário do gênero, implica o desmantelamento do sistema de gênero linguístico-social; isto inclui reformular pronomes e títulos para palavras de gênero neutro” (SALTZBURG & DAVIS, 2010, p. 94-95, tradução minha).

Com isso, pretendo mostrar a visibilidade de pessoas trans não-binárias na forma escrita, mas principalmente na forma lida/falada. Dessa forma, haverá um maior reconhecimento e acolhimento de pessoas assexuais, lésbicas, gays,

<sup>5</sup> “Significa ‘meio-garota’. Possui uma identidade de gênero parcialmente feminina e parcialmente alguma outra identidade de gênero não-binária. Também chamado de ‘demigarota’” (LAU, 2016, p. 162).

Realização:



Apoio:



bissexuais, travestis, transgêneros, transexuais, *queer*, intersexo e mais – ALGBTQI+. O motivo da utilização desta sigla é por ela abarcar todas as orientações sexuais e identidades de gênero, além de ter uma boa organização: antes de tudo, o nível de atração sexual das pessoas, representadas pelo espectro assexual (A); em seguida, temos as homossexualidades binárias, lésbicas e gays (LG); logo após, entra o espectro das bissexualidades (B); finalizando o momento da sexualidade, adentra-se às questões de gênero, com as pessoas trans,<sup>6</sup> incluindo aqui as travestis, transexuais, transgêneros e pessoas trans não-binárias (T), seguidas de pessoas *queer* – que são questionadoras de gênero – (Q). Inclui-se agora a corporalidade, dando lugar às pessoas intersexo (I). Por fim, as demais identidades, seja sexual, de gênero ou de corporalidades (+).

## O QUE DIZEM OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE EDUCAÇÃO BÁSICA?

O documento oficial maior em relação ao ensino nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Temas Transversais, em destaque especial neste trabalho, o volume de *Orientação Sexual* (1998a), recomenda que se aborde criticamente a visão didática de como les professorias estaduais das escolas públicas e privadas devem trabalhar a orientação sexual em sala de aula. Os demais temas que compõem os PCN são *Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Trabalho e Consumo*.

A justificativa para se abordar e incluir o tema no currículo remete à luta de grupos considerados “minoritários”,<sup>7</sup> como o movimento feminista. O objetivo do documento é “transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados, sem invadir a intimidade nem direcionar o comportamento dos alunos” (BRASIL, 1998a, p. 67). Porém, o documento não apenas “transmite informações”, mas produz efeitos de sentido (cf. Orlandi, 2013), ou seja, produz diversas possibilidades de leituras, o que somente uma perspectiva centrada na ideia de transmissão de informação não

<sup>6</sup> Adoto esta forma de escrita pelo fato de poder servir tanto a transgênero quanto a transexual. Nem todas estas pessoas fazem a cirurgia de redesignação sexual. Portanto, ao utilizar esta forma de escrita, incluo os indivíduos que fazem e os que não fazem a cirurgia.

<sup>7</sup> O sentido de “maioria”/“minoria” é ideológico (cf. Cavalcanti, 1999).

Realização:

Apoio:



é capaz de reconhecer. O que este documento também ressalta é que é importante trabalhar com as percepções que les alunes têm sobre o(s) assunto(s) a ser(em) abordado(s).

As famílias<sup>8</sup> educam sexualmente sus filhes, por mais que não abordem abertamente o assunto. Isso varia dos comportamentos, valores, da crença em uma religião ou não. Com as crianças na escola, elus irão conversar sobre sexo/sexualidade e, muitas vezes, elus trazem imagens negativas, distorcidas, estereotipadas de algum membro da comunidade ALGBTQI+, por exemplo, muitas vezes transmitida pelas mídias, reforçando o preconceito e a homolesbobitranfobia<sup>9</sup> (cf. Brasil, 1998a). “Desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer ‘desvio’ é reprimido e recupera-se o ‘bom comportamento’” (FRY & MACRAE, 1985, p. 11).

Portanto, faz-se necessário les professories e diretories discutirem com alunes sobre o tema. “Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes” (ALTMANN, 2001, p. 576).

Os estereótipos acerca dos corpos foram atribuídos socialmente, assim “homens” têm pomo-de-adão e “mulheres” não, diferentemente de uma pessoa não-ocidental, como *hijras*, cujo grupo social esse estereótipo/padrão não se aplica, e isso deve ser problematizado, tanto na escola quanto na sociedade, pois pessoas que se auto identificam como travestis e/ou estão na transição FtM (female to male – feminino para o masculino) ou MtF (male to female – masculino para o feminino) sofrem tranfobia em função de seus corpos não “pertencerem” ao gênero que sentem/veem. A forma como determinada pessoa se apresenta (falo em questões estéticas, como roupa, cabelo etc.) não remete muitas vezes à sua identidade de

<sup>8</sup> Faço a marcação no plural pela inclusão de famílias homoafetivas, constituídas ou por dois homens ou por duas mulheres, famílias monoparentais (les filhes criades ou somente pelo pai ou pela mãe ou outro membro), as poliafetivas (em que, geralmente, o relacionamento é a três, mas que podem ser compostas de mais de três pessoas, sendo várias as possibilidades), também chamadas de multiparentais, e a família constituída por mãe, pai e filhe(s), chamada de “tradicional”.

<sup>9</sup> Este ainda é um termo em discussão, pois, quando se fala apenas de homofobia, restringe-se a crimes contra gays. Lesbofobia remete às lésbicas, bifobia aos bissexuais e tranfobia às travestis e todes les trans, inclusive não-binários. Algumas pessoas utilizam também LGBTfobia. Infelizmente, nenhuma dessas siglas faz menção à acefobia, que remete às pessoas assexuais.

Realização:

Apoio:





gênero, nem à sua orientação sexual. Isso é rompido, fragmentado, ou seja, não se fica preso às amarras do discurso cis-heteronormativo. “Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais [...], a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural” (BRASIL, 1998a, p. 81). Se o documento traz a reflexão e os discursos (re)produzidos que sexo remete aos órgãos genitais é preciso repensar a forma em que documentos e formulários para inscrição em vestibulares, processos seletivos, matrículas, por exemplo, a substituição do campo “sexo” por “gênero” e não deixar apenas no binário (feminino x masculino), mas colocar também um terceiro campo em que a pessoa possa especificar realmente pelo qual se identifica. Em função disso, seria importante acrescentar um campo relacionado a pronomes em que a mesma poderá marcar quais se sente representada. Colocar apenas o campo “Outro” pode soar estranho e desumanizar a identidade de pessoas trans não-binárias. Uma forma positiva é colocar apenas “Gênero” e todas as pessoas especificarem, incluindo as binárias, ou deixar o campo exclusivo para as não-binárias, mas com que tenha um espaço para especificar qual gênero não-binário ela se identifica. Com isso, (re)significaria a ideia do campo “sexo” binário e aumentaria o leque de possibilidades e, por consequência, a visibilidade de pessoas trans não-binárias.

Através da fragmentação e separação entre identidade de gênero, sexualidade e expressão de gênero, a discussão sobre *Orientação Sexual* apenas pela perspectiva biológica pode gerar algumas controvérsias, pois, ainda hoje, quando uma criança nasce, o atributo que irá enquadrá-la em um “padrão” será sua genitália: se tiver um pênis, será categorizada como um menino, se tiver uma vulva, será uma menina. Há casos de pessoas nascerem com uma genitália que não se define exatamente nestes padrões, estas são as pessoas intersexos. Pelo ponto de vista da medicina, caso uma pessoa nasça intersexo, é pela questão da penetração que será definido se será uma “menina” ou um “menino”.

Discutir o aparelho reprodutivo é importante, mas deve-se tomar cuidado para não ficar marcando que genitais definem uma pessoa ou ordem dos cromossomos, como faz a medicina, por exemplo. No ambiente escolar pode haver alunes trans e poderia gerar desconforto para elus ouvirem que “quem tem vulva é mulher, e quem

Realização:



Apoio:





tem pênis é homem”. Da mesma forma que afirmar que somente mulheres (cis, neste caso) podem engravidar, silenciando a possibilidade de homens trans ou pessoas não-binárias ovarianas optarem por gerarem sus filhos. Isso seriam atitudes transfóbicas. Como afirma o documento, somente a questão biológica do corpo não satisfaz todas as curiosidades dos alunos, então, uma sugestão para os profissionais da educação que discutirão esse tema é problematizar a questão do corpo. Fala-se que travestis e/ou mulheres trans que fazem cirurgias “deformam” o corpo quando aplicam silicone para o aumento dos seios, mas quando uma mulher cis o faz, não é visto dessa mesma forma, por exemplo.

Nos demais PCN das disciplinas que compõem a matriz curricular, não há discussão sobre orientação sexual e identidades de gênero, por isso a criação dos PCN de Temas Transversais (1998a), que podem abarcar todas as demais disciplinas, já que o documento propõe a transversalidade, “o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento” (BRASIL, 1998a, p. 87). Destaco os PCN de LP (1998b) por pressupor ter como interlocutores professorias principalmente desta disciplina. Este documento não aborda o tema, mas é

[...] estreita [a] relação com os usos efetivos da linguagem socialmente construídos nas múltiplas práticas discursivas. Isso significa que também são conteúdos da área os modos como, por meio da palavra, a sociedade vem construindo suas representações a respeito do mundo (BRASIL, 1998b, p. 40, acréscimo meu).

Como descreve Saleh (2014, p. 84), “a proposta dos PCN assenta-se na visão de que a linguagem não é neutra e por isso atribui à disciplina de Língua Portuguesa um papel fundamental no desenvolvimento de uma visão crítica das representações sociais”. É interessante observar que o documento diferencia um pouco sexo de gênero, contemplando a abordagem biológica, mas também a psíquica e a sociocultural. O documento traz a abordagem da orientação sexual e gênero como construção social, (des)construindo os padrões relacionais de gênero, os estereótipos.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizar nas aulas de LP a respeito da linguagem que é utilizada e a forma que ela enquadra tudo no binário de gênero é o começo de uma proposta de reflexão com a comunidade escolar. Quando o assunto for concordância nominal, por exemplo, em que no caso do adjetivo for posposto aos substantivos e na oração houver um substantivo feminino e um masculino, o adjetivo assume forma masculino plural. Por exemplo: “A indústria oferece *atendimento e localização* **perfeitos**”. A justificativa que a gramática postula é que o gênero masculino é predominante. Essa também é uma questão a refletir com les alunes para pensar na maioria que as palavras que são pronunciadas para generalizar discursos é o masculino.

Uma possibilidade é pedir para que elus elaborem frases em que não faça a marcação do gênero feminino nem masculino, afim de discutir o que é “neutralidade”. Para abordar essa questão, uma sugestão é levar até a sala um copo e enche-lo com água até a metade e questionar se o copo está “meio cheio” ou “meio vazio”. Devido aos efeitos de sentido (cf. Orlandi, 2013) as respostas podem variar, mostrando que não existe neutralidade, que tudo que é falado, expressado possui significado e vai representar uma demanda e silenciar outra, como no caso da utilização do masculino como “neutro”, em que silencia e apaga mulheres e pessoas trans não-binárias dos discursos.

## Referências

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_.; VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 17 ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 3 ed. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1980.

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de

Realização:



Apoio:



2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 de dezembro de 2005.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, DF, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos, língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, DF, 1998b.

BUTLER, Judith P. **Bodies that matter**: on the discursive limits of “sex”. United States: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CUP. **Linguagem neutra ou não-binária**. Disponível em: <<https://youtu.be/Szi5B18muAU>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LAU, Héilton Diego. A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. **Temática**, Paraíba, v. 11, n. 2, p. 90-101, fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro**: os discursos de Carlos Apolinário e Eduardo Cunha nos PLs 294/2005 e 1672/2011. 174 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa-UPEG, Ponta Grossa-PR, 2016.

\_\_\_\_\_.; RECH, Gabriele Cristine. As variações da Libras através da tradução/interpretação de canções: um estudo investigativo com TILS. In: **Ciclo de estudos em linguagem**, 8, 2015. Ponta Grossa-PR. **Anais...**Ponta Grossa-PR: UEPG, 2015. Cd-Rom.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: \_\_\_\_\_. **Português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 18-31.

Realização:



Apoio:





ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 11 ed. São Paulo: Pontes: 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi; et al. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira. Marcas enunciativas nos Temas Transversais: o volume Orientação Sexual. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus; JOVINO, Ione da Silva; \_\_\_\_\_. (orgs.). **Um olhar interdisciplinar acerca de identidades sociais de raça, gênero e sexualidade.** Campinas: Pontes, 2014b, p. 83-102.

SALTZBURG, Susan; DAVIS, Tamara S. Co-authoring gender queer youth identities: Discursive Telling and Retellings. **Journal of Ethnic and Cultural Diversity in Social Work**, London, v. 19, n. 2, p. 87-108, 2010.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990).** 235 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói. 2006.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **Libras: aprender está em suas mãos.** Curitiba: CRV, 2013.

### **THE USE OF NEUTRAL LANGUAGE AS VISIBILITY AND INCLUSION FOR GENDERQUEER OR NON-BINARY PEOPLE IN BRAZILIAN PORTUGUESE: THE “DEL@S” OR “DELXS” VOICE? NO! THE “DELUS” VOICE!**

**Abstract:** Brazilian Portuguese, the first language of the country, transmits a binary form to refer, in this work, to people. With the advancement of the discussions from queer theory in Brazil and the visibility's beginning people who does not identify themselves with gender binary (male x female), that is, genderqueer or non-binary people, featured on the internet with videos and posts about how identify themselves and their pronoun(s) represented them, raise questions about the language in order to bring visibility and space on society without offend or delegitimize their gender identity using neutral language. Through this positioning and with discussions from documents that govern national education, the *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* and *Orientação Sexual*, I bring a theoretical discussion about the importance to this new way look to Brazilian Portuguese in respect of genderqueer or non-binary people.

**Key-words:** portuguese; neutral language; non-binary or gendequeer; queer theory; visibility.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação

